

# O DESPERTAR

Quinzenario defensor dos interesses dos Empregados de comércio e industria, literário e noticioso

Director  
**M. F. DE OLIVEIRA E CASTRO**  
Redactores:  
**AMADEU MOUTINHO**  
**J. FERNANDES**

Editor—A. Meireles Ferreira

Propriedade da Empresa "O DESPERTAR,"

Redacção e administração—P. D. Afonso Henriques, 27.  
Composição e Impressão: Tipografia de Albano Pires de Sousa,  
Rua da Republica, 120 a 122-A—GUIMARÃES

## BOM EXEMPLO

Aos nossos colegas do trabalho vamos hoje apresentar um bom exemplo de amor associativo. Referimo-nos aos colegas de Famalicão, que são em número de cincoenta e tal, e todos sócios da sua associação! Cremos bem que não ha no país outra terra onde este facto se repita.

Ha ainda hoje, infelizmente, caixeiros que não atingem a utilidade das associações, que não discorrem sobre a conquista das nossas regalias, que, enfim, são apenas umas máquinhas productoras de que se servem os patrões déspotas e gananciosos para avolumarem os seus haveres. Não os censuramos: lamentamo-los. Não os exprobramos: apenas desejamos incutir-lhes a ideia da emancipação.

Tenios este grande exemplo a demonstrar-lhes: a nítida, comprehensão dos nossos colegas de Famalicão, que todos estão filiados na sua associação de classe.

Se nós somos esmagados, não éo patronato que achamos toda a culpa do nosso esmagamento: é a parte refractária da nossa classe que achamos a maior parte.

Nós sabemos bem que, enquanto não entrar no cérebro de todos os caixeiros a ideia da liberdade, da emancipação, o caixeirato ha de ter sempre no seu seio membros a destituir-lo. Ora a forma de accionar para o fim de introduzir nos cérebros pobres de instrução a ideia da liberdade e da emancipação, é por meio da instrução de que são pobres; e esta adquire-se frequentando-se a associação de classe, onde deve haver uma escola.

Quando nós falamos em liberdade e em emancipação, é preciso que se saiba que não apregoamos a indisciplina ou a rebelião. Não desejamos—compreenda-se isso—ver um caixeiro bater o pé ao patrão, ou pô-lo fora do seu estabelecimento á pancada; não desejamos isto, como não pretendemos ver o patrão a espiñar desumanamente o seu caixeiro, vedando-lhe toda a liberdade a que tenha pleno direito. O que nós desejamos e pretendemos é que o patrão saiba integralmente cumprir

os seus deveres para com o seu empregado, e que este, por sua vez, saiba reclamar e exigir o que por direito e justiça lhe pertence, sem que a liberdade dum prejudique a liberdade do outro.

Ora bem se sabe que ainda se não viu, até hoje, o caixeiro bater o pé ao patrão, nem isso se verá já mais porque, se o caixeiro é falho de instrução, respeita sempre, não obstante, o seu superior; e se é instruído, tem o preciso conhecimento para interpretar e reconhecer a sua obrigação e cumprir o seu dever.

Ha patrões que pretendem vedar aos seus empregados o legitimo direito de assinarem os jornais da classe e de se filiarem nas suas associações.

Estes patrões preferem aos seus empregados a neceidade á instrução porque—julgam eles—assim têm-nos *enredoados*, precavidos contra a depravação dos costumes. E não sabem esses mentecaptos que para prevenir o mal é preferivel conhece-lo a ignorá-lo. E, como já aqui dissemos noutra ocasião, não é dentro da associação, nem lendo jornais da classe, que os caixeiros se pervertem, mas sim frequentando outros lugares onde reine o vício e a depravação de costumes.

Terminamos mostrando mais uma vez aos colegas do país o exemplo que lhes dão os bravos colegas de Famalicão.

## SERENAMENTE

Neste turbilhão, que é a sociedade onde se entrecrocama as paixões, os ódios e os rancores determinados por um péssimo ambiente social em que vivemos, dão-se factos com que me sensibilizo e me axacerbo, obrigando-me a sair da obscuridade em que estou e vir á liça—exteriorizando a minha revolta perante eles.

Ora um dos factos que me obrigou hoje a empunhar a pena para o estigmatizar, devido á inconsciência que o reveste, foi a forma como a *Associação dos Empregados de Comércio de Viana do Castelo* comemorou a promulgação da lei do descanso semanal, naquela cidade. A sessão solene que aquella associação levou a effecto, pelo carácter que a revestiu, pelas individualidades que ne-

la tomaram parte, foi tudo menos uma festa operária comemorativa duma reivindicação económica—o descanso semanal. Porque sendo as associações de classe, reductos de defesa dos interesses economicos dos seus associados, portanto só esses é que devem tomar parte nas suas sessões solenes, assembleias gerais, etc.; e não patrões nem autoridades, porque é precisamente contra essas individualidades que as associações de classe, orientadas pelos novos principios reivindicadores, lutam.

Senão vejamos:

Quando ha pouco a supracitada associação lutava pela manutenção do dia de descanso, o domingo, contra os impetos expoliadores da edilidade daquela cidade, porventura encontrou da parte das individualidades que convidara a abrilhantar a sua sessão solene—autoridades e patrões—algun auxiliou na justa pretensão; não se permitir que os estabelecimentos abrissem no dia destinado ao descanso, quando lá fóssem excursões? Não! Encontrou mas foi a solidariedade das classes trabalhadoras, tanto do Porto como da, indo os primeiros até á *revanche* de transferir as suas excursões que tinham projectado a Viana para outras terras, como protesto contra o gesto expoliador e arbitrário da câmara municipal daquela cidade para com os caixeiros.

Era pois esses que, nas horas affitivas, prestaram a sua solidariedade, evitando assim o cerceamento duma regalia que levou tantos anos a conquistar, que os camaradas vianenses deviam ter chamado para cooperar na sua sessão solene; e não politicos arengadores da decantada harmonia entre o Capital e o Trabalho—o que já mais se rializará visto o antagonismo existente entre estas duas forças!

Porém, neste tumultuar de inconsciência operária que os caixeiros evidenciaram, menospresando os principios afirmados por essa grandiosa assembleia de caixeiros—o Congresso de Coimbra, o qual aceitou em principio: a reclamação por acção directa; a inadmissibilidade dos patrões; e a abolição de categorias de sócios, o que traduz claramente que a classe aí afirmou qual era a

senda que pretendia seguir; o nosso camarada Manuel Frutuoso Agostinho, que assistia á supracitada sessão, ousou exprobrar a inconsciência dos caixeiros e o desplante dos politicos em ir ali—arengando a colaboração de classe, (a harmonia e o acôrdo entre trabalhadores e patrões).

Belo gesto que traduz: um espirito que pensa num futuro ridente, e um coração que sente as agruras do presente!

Mas tal gesto não agradou, tanto ás autoridades como aos nossos camaradas, suscitando objecções da parte da individualidade que presidia á sessão (o governador civil substituto do distrito de Viana do Castelo) e dum camarada nosso já senil...

Nem outra coisa era de esperar daquela amalgamada assembleia, senão discordância com aquele que não preconisa, nem aceita a burlesca colaboração de classes, mas sim, a luta de classes—a luta pelo esforço próprio indo directamente ao fim que visa sem admitir intermediários, isto é, a pressão, a resistência e o ataque dos próprios trabalhadores contra a exploração patronal e a opressão estadual.

Mas não ficou só por aqui a discordância com o nosso camarada Manuel Frutuoso Agostinho:—a direcção da Associação dos Empregados de Comércio de Viana do Castelo, da qual era sócio, resolveu expulsá-lo, *«pela forma incorrecta como procedeu na sessão solene!!!»*

Avalie-se a concepção que essa direcção tem duma associação de classe; e a noção dos principios de apreciação, discussão e critica, usadas livremente adentro de todas as colectividades—seja delas qual fôr o seu carácter.

Tão insólito procedimento não merece mais comentários, por isso, vou terminar; deixando-os aos leitores deste arrazoado.

Estas considerações que me sugeriram, não são por animadversão ou malquerença para com os camaradas vianenses, mas por revolta e indignação contra a sua inconsciência esquecendo-se da sua qualidade de assalariados, e como tais explorados pelo patronato e oprimidos pelo estado.

Porto, 21—9—1914.  
MAGALHÃES JUNIOR.

## O MEU PENSAR

Despertar, caminhar e unirmo-nos, eis o que é preciso.

Despertar, acordando dessa inacção e indiferença em que temos vivido até aqui, caminhar, sacudindo de nós o receio de levantarmos a nossa voz contra as injustiças de que temos sido victimas pacientes; unirmo-nos, filiando-nos nas nossas associações, assinando os nossos jornais, verdadeiros baluartes, que nos levarão á conquista completa das nossas justas aspirações.

Nós, hoje, caixeiros, embora tenhamos muito que aperfeiçoar-nos, já vamos comprehendendo algo dos nossos deveres, e por conseguinte não nos podemos deixar esmagar assim abertamente pelo patronato retrogrado e despota sem que o nosso protesto se faça ouvir.

A opressão é cada vez maior quanto maior é o grau de educação e civilização daqueles que a recebem.

Nós temos sido muitas vezes humilhados, injustamente, propositadamente por aqueles que deviam já ver em nós não uma classe de escravos como outrora, mas sim uma classe que se quer levantar, emancipar, unicamente pelo seu trabalho e portanto com todo o direito de exigir as regalias que o mesmo trabalho lhe dá.

Nós temos sido victimas de mesquinheices tais, que o nosso espirito não concebe como hoje, em pleno século XX, haja ainda patrão que tanto ódio, tanta maldade abrigue no seu coração, para despejar sobre aqueles que, diariamente, lhe dedicam todas as suas forças, todas as suas aptidões!

Ainda ha bem pouco tempo, num domingo, um colega nosso, recolhia a casa ás 21 horas, hora a que expira a licença que o patrão lhe concede para gozar o descanso semanal, devendo o referido patrão estar ali para lhe abrir a porta.

Porém, como o senhor patrão ainda ali não estivesse, o nosso colega estacionou á porta até que elle chegasse.

Esperou... esperou até que, á meia noite, como o patrão não tinha vindo, resolveu então o nosso colega ir ficar a casa de sua familia, pois que não estava disposto a passar a noite, ao relento como qualquer desgraçado.

Pois bem; o patrão no domingo imediato castigou-o obrigando-o a fazer fardos desde as 9 da manhã até ao meio dia!

Findo o serviço, diz-lhe o patrão:

—Agora vai, vai dizer aos teus colegas que me multem por eu te obrigar a trabalhar. O que eu tenho pena é de não haver mais nada que fazer senão... e concluiu com uma ofensa que nós abstemos de escrever.

Despotas, onde será o terminus da vossa perseguição e vingança?

Pois, presados colegas, a culpa deles assim procederem é vossa, e só vossa.

E' vossa porque, em vez de estardes unidos como é mister, fundidas todas as ideias e pensamentos em um só, andais dispersos, vendo as coisas de diferentes modos, desinteressados de tudo aquilo que devia merecer-vos todo o vosso auxilio e apoio.

Nós temos que lutar para conquistar.

Mas para que dessa luta saiamos vitoriosos, é necessário que todas as forças se agreguem, se unam; é preciso que os nossos pensamentos se tornem unânimes na forma de reivindicar, que o nosso proceder mutuamente seja um completo exemplo de verdadeira solidariedade.

Só assim eu compreendo a nossa emancipação. E quando for essa a nossa conduta, ficai certos, camaradas, que o patronato sentir-se-ha tão pequeno perante nós, que inevitavelmente cederá ás nossas mais que justas reclamações, não osando jamais opprimir aqueles que tão nobremente se souberam impor ao seu respeito.

A opressão é a tirania desaparecida para dar lugar á Justiça e á Liberdade.

EURICO.

OS MEUS TRAÇOS

Nunca a nossa classe, como todas as classes trabalhadoras, atravessou uma tão pavorosa crise como a que atualmente vai atravessando.

Todos nós sabemos que esta crise é effeito dessa terrível carnificina que se está desenrolando na Europa.

Quantos milhares de victimas?

Quantas familias na miséria?

Quantos colegas desempregados e operários sem trabalho? E isto tudo só para defender a ventura e tirania dum homem nosso opressor e dum sentimento (que eu não aprovo) a que chamamos — Patria.

Pois a guerra não é só essa repugnante ceifeira de vidas que por onde passa distribue o luto e a dor; ella é tambem essa completa destruidora de toda a riqueza que o braço trabalhador produziu durante longos annos.

Todos nós nos devemos compenetrar de que quem sofre mais com a guerra são as classes trabalhadoras em geral; pois todos nós sabemos que a guerra produz um forte abalo nas transações economicas do commercio a ponto de mal o poder suportar o fabuloso movimento constante do trabalho na presente época em que nos encontramos.

Pois é esta a causa de as principais fabricas diminuírem aos seus dias de trabalho, chegando mesmo algumas a paralisarem de todo o seu movimento.

Ora, nas mesmas condições se encontra o commercio em geral, o que dá origem a não poderem os commerciantes satisfazer os seus compromissos de pagamentos, vendo-se obriga-

dos a fazerem as detestaveis concordatas.

E' bem para lamentar que tal guerra exista para satisfazer o desejo dum homem que não produz e só cuida em adquirir á força de sangue e violência, o que lhe não é justo pertencer.

Por esta causa é que nós encontramos muitos operários sem trabalho e sem meios de podermos alimentar suas esposas e seus filhos, que lhes pedem um bocadinho de pão para combater essa companhia dos pobres a que chamamos — a fome!

Nas mesmas circunstancias se encontra a nossa classe que traz um grande numero dos seus membros sem colocação e sem saber outros officios a que se possam sujar.

Todos nós devemos saber, pois, que a guerra é feita só em prol dos senhores e que quem sofre todas as consequências são as classes trabalhadoras que terão de satisfazer todas as despesas a que a guerra dá origem; uns com a vida butro com o suor do seu rosto.

A guerra representa tambem o retrocesso e o esmagamento das ideias livres e humanitarias a que nós aspiramos.

Portanto, nós trabalhadores, devemos detestar a guerra, pois, seja qual for o exercito vencedor, nós seremos sempre os vencidos.

FERNANDO A. MARTINS.

As minhas apreciações

Ao ler, ha dias, num dos ultimos numeros do jornal «Ecos de Guimarães» um artigo onde havia uma referencia a Manuel Roriz, um intelligente rapaz falecido, na flor da idade, ha bons 15 annos, acordou-se-me no coração a dor sentida pelo desaparecimento desta vida dum tão bondoso rapaz.

Manuel da Costa Roriz fora um distinto estudante e um exemplar caixeiro, tendo desistido de proseguir nos estudos devido a um desgosto motivado por uma grande injustiça sofrida.

Bom foi que o meu saudoso amigo doutros tempos deixasse de ser estudante para ser caixeiro porque, se assim não tivesse acontecido, eu nunca com elle teria encetado relações.

Foi em 1897, ali por setembro, que Manuel da Costa Roriz entrou como empregado para uma casa onde eu era marcano.

E daquele tempo que me parece tão remoto, já-mais poderei esquecer a feliz companhia, a optima convivência que tive

com tão honesto, tão intelligente e tão bom companheiro.

Vindo duma escola de aldeia, onde o ensino me fora ministrado por um bom padre que muito preso e estimado, não querendo nem devendo menosprezar o ensino que nessa aldeia recebi, não posso contudo deixar de dizer que muito vim aprender com o meu companheiro superior Manuel Roriz.

Dotado dum espirito algo estudioso, eu nunca perdia a occasião de consultar o meu bondoso companheiro sobre qualquer duvida que tivesse, fosse sobre que assunto fosse. Se, ao ler qualquer escrito, não sabia a significação dum palavra ou tinha duvidas sobre a interpretação dum periodo, interrogava Manuel Roriz, e este prontamente me respondia.

Era ele o meu dicionario vivo de portuguez; e, pela vida fora, nunca encontrei outro melhor, como nunca encontrei melhor amigo. Se fosse dotado doutros sentimentos, Manuel Roriz infadava-se-hia com as minhas maçadoras, por amidadas, perguntas; mas aquella bondosa criatura nunca se aborrecia nem infadava e respondia-me sempre, ainda mesmo quando estivesse absorto nos seus mais intimos pensamentos.

A ultima vez que o vi foi no leito onde repousou durante o seu longo sofrimento. E daquela visita ficou-me gravado no coração o reconhecimento pelas suas palavras dirigidas a seu Ex.<sup>mo</sup> irmão e proferidas a meu respeito. Jamais da minha memoria ellas se apagarão, e, se aqui as não reproduzo, é porque só a mim ellas diziam respeito.

Como poderei eu pagar tanto bem ao meu querido amigo e companheiro doutros tempos? Tento pagar-lho desta forma: implorando ao Todo Poderoso que Manuel Roriz repouse em paz no eterno descanso, e que na outra vida de além-túmulo, se é que a ha, a sua alma encontre a recompensa do tanto bem que fez e do tanto que sofreu neste mundo.

Guimarães, 21-9-14.

O. C.

Excesso de original

Devido a abundancia excessiva de original, não podemos publicar neste numero todo o recebido, o que muito nos contraria. Publica-lo hemos no proximo numero.

DE GUIMARÃES A FAMILICÃO

Conquanto nós já soubéssemos que iam ser carinhosamente recebidos pelos nossos presados colegas de Famacião, na nossa ida áquella encantadora vila, porque sabemos o quanto elles são nobres e dignos, nunca a nossa expectativa tinha idealisado uma recepção como a que tivemos.

Fomos ali encontrar os nossos colegas daquela ridente vila de braços abertos a receber-nos num fraternal applexo. Já-mais esqueceremos o carinho e o entusiasmo com que fomos recebidos em Famacião; e a relação de «O Despertar», interpretando o sentir dos seus colegas de Guimarães, saudou efusivamente os de Famacião e envia-lhes a expressão sincera da sua leal camaradagem e do seu profundo reconhecimento.

Vamos tentar descrever resumidamente a nossa visita á linda vila minhota.

Partida

As 9 horas precisas partiam da praça de D. Afonso Henriques (sede da nossa Associação) os carros que nos haviam de conduzir á sorridente vila de Famacião. O tempo estava esplêndido. O ceu era um enorme tapete azul onde o sol brilhava com toda a intensidade, dardendo sobre nós os seus raios doirados, como que associando-se á nossa festa.

A viagem decorreu sem o menor incidente e com uma animação constante, notando-se em todos os excursionistas (se é permitido o termo) a mais viva alegria.

Visita á linda vivenda do sr. F. Correia de Mesquita Guimarães

As 12 horas chegamos ao lugar da Berberia, onde eramos esperados pelo Presidente da Associação dos Empregados de Comercio de Famacião e pela Ex.<sup>ma</sup> familia Correia de Mesquita, que sobre nós lançou uma verdadeira chuva de flores, agradecendo-nos essa gentileza com vivas ás damas famelicenses.

Pelo Sr. Correia de Mesquita fomos então convidados a descompar um pouco, para o que nos franqueou a sua linda propriedade, dando-nos assim uma bella occasião de o nosso espirito se recrear ante as incontestáveis belezas da encantadora vivenda. Nos poucos momentos que ali passamos, sua Ex.<sup>ma</sup> o sr. Mesquita foi constantemente importunado com minuciosas perguntas, satisfazendo-nos sempre a nossa atrevida curiosidade como verdadeiro conhecedor dos segredos da agricultura.

As amabilidades que o sr. Mesquita nos dispensou jamais serão por nós esquecidas, recordando-nos sempre o tempo tão deliciosamente ali passado com viva saudade. Ao sr. Correia de Mesquita daqui lhe enviamos os nossos sinceros agradecimentos.

Recepção

As 13 horas, dávamos entrada na vila, onde os nossos colegas nos esperavam com uma banda de musica, muito povo, etc., sendo nos feita uma entusiastica e calorosa manifestação.

Depois dos cumprimentos do estilo, todos nos dirigimos para a sede da Associação dos nossos colegas de Famacião.

Durante o trajecto, foram levantados e freneticamente correspondidos vivas aos empregados de commercio de Famacião e Gui-

marães, a Jaime Mesquita, presidente da Direcção da Associação dos Empregados de Comercio de Famacião, aos defensores do caixerato portuguez, etc.

Logo que nos encontramos dentro da Associação, usou da palavra o colega Jaime Mesquita, que começa por fazer o elogio da Associação sua congénere de Guimarães, salientando o desenvolvimento que ella tem tido ultimamente, e incitando-a a continuar na luta em prol das nossas reivindicações, para que se ponha um dique ao procedimento do patronato despota que ainda, infelizmente, existe.

Discursou em seguida o colega António José Ferreira, presidente da Associação de Classe dos Empregados de Comercio de Guimarães, que agradeceu as palavras elogiosas do colega Jaime Mesquita para com a Associação de Guimarães. Agradeceu tambem a imponente recepção que nos fóra feita, a qual, diz, excedeu muito o que esperavamos. Fez um apelo a todos os presentes para que sigam o exemplo dos colegas de Famacião, onde todos os caixeiros são sócios da sua Associação, o que, diz, triste é relata-lo, não acontece em outra terra do país. Terminou dizendo que só por meio das associações poderemos ver coroados de bom êxito todos os nossos esforços, todas as nossas aspirações.

Finda a sessão de boas-vindas, tem lugar, pelas 14 horas,

O jantar

que se realisa no Hotel Vilanovense, o qual decorreu com uma animação e alegria indescritíveis. Ao «toast» usaram da palavra os colegas António José Ferreira, presidente da Associação dos Empregados de Comercio de Guimarães; Jaime Mesquita, presidente da Associação dos Empregados de Comercio de Famacião; José Roriz, ensaiador do Grupo Dramático Júlio Dantas; José Ramos, digno commerciante desta cidade; Anibal Tavares, e M. F. de Oliveira e Castro, director de «O Despertar».

Notas

Foram recebidos dois officios: um do sr. João de Melo pedindo desculpa por não comparecer ao jantar e o outro do sr. João Rodrigues Loureiro pedindo igualmente desculpa por não comparecer, e associando-se ambos áquella simpática festa.

Pelo proprietário do Salão Olimpia foi dedicada aos empregados de commercio de Guimarães em visita a Famacião uma sessão cinematográfica, a que não pudemos assistir por termos de retirar á mesma hora. «O Despertar» envia-lhe os seus agradecimentos.

A sala do hotel onde se realisou o jantar estava artisticamente engalanada com vasos de plantas e flores naturais e com jornais da classe e de Famacião por entre os vasos, nas paredes.

Os caixeiros de Guimarães effectuaram uma visita á Central Eléctrica e Fábrica de relógios dos srs. J. Carvalho & Irmão, ficando muito bem impressionados com o acao.

A retirada foi feita na melhor ordem, não havendo naquella linda vila, nem durante a viagem, a mais insignificante nota de discórdia.

Secção Literária

NOBRES & C.<sup>a</sup>

(Ao meu amigo Joaquim José Novaes)

A dança está deveras animada. Todos na grande orgia... E á porta do palácio, esfomeada, Vemos chorar Maria...

LEÃO MARTINS

A ideia de emancipação, porém, generaliza-se a todos os povos que se organizam e adestram para a luta...

22-9-914. ABILIO MARTINS

Carta de Braga

(Retardada na redacção)

Temos presente o projecto de reforma dos estatutos da Associação de Beneficência dos empregados no comércio desta cidade...

Sem vaidade, nós podemos assegurar que nunca tivemos por norma descurar assuntos de tão alto interesse.

Desde ha alguns anos, no periodo da mais despreocupada adolescência, em que o espirito aceita e acclama os pensamentos mais risinhos de intermináveis felicidades...

Todos os colegas, ou quasi todos, deviam, um só instante que fosse, volver as suas atenções para as suas humildes condições, para se penetrarem de que o seu futuro merece o mais cuidadoso interesse...

Estão tão linda a minha aldeia, Lá nas serras escondida; De inverno brueca nevada, Na primavera florida!

Banhem-te as águas do Tâmega, O teu jardim em flor; Rosa de flores de neve Com que se adorna o Senhor...

4914. ROLANDO

Em massa, numa attitud decisiva e vingadora, dirigiu-se aos armazens de mercearia da rua de S. João disposto a fazer uma distribuição...

O povo, porém, indefeso, quando ainda a manifestação não passava de protestos, foi cobardemente atacado a tiros, das janelas, pelos negociantes...

Fazendo assim, e activando uma intelligente propaganda a favor da sua utilidade, cremos que alguns resultados serão colhidos.

Apresentamos sinceramente este alvitre, sem nos mover pretensões conselheirascas.

10-9-914. M. PEREIRA

Carta de Vizeu

Caixeiros, despertai!

(Retardada na redacção)

Por todo o país, em todas as associações de caixeiros se tem notado ultimamente um grande movimento, e isso nos mostra que a classe vai despertando da condenável letargia em qua se conservava...

dos poderes públicos as regalias a que incontestavelmente tem direito, como sejam a regulamentação das horas de trabalho e outras.

Ainda no número último, neste mesmo lugar, foi publicado um officio enviado pela Associação dos Empregados do Comércio de Vizeu ao Ex.<sup>mo</sup> Presidente do Ministério, pedindo que decretasse com a maior brevidade possível uma das maiores e mais justas aspirações da classe — a regulamentação.

Pedidos idénticos tem sido feitos por associações doutras terras e nós somos dos que nos conservamos esperançados em que o decreto, já aprovado na Câmara dos Deputados, entre em vigor; mas para que o seja com brevidade é necessário que todos se comprometam...

Caixeiros, despertai! Lutemos sempre, sem esmorecimentos nem desânimos, pelas nossas regalias afrontando altiva e nobremente o patronato escravizador...

Vizeu, 6 | 9 | 914. MANUEL PINTO FERREIRA

CARTA DE LAMEGO

Tendo a redacção deste semanário officiado á Direcção da nossa Associação afim de lhe arranjar correspondente e assinantes para «O Despertar», e como até hoje não tenha visto correspondência aqui, resolvo vir, pela primeira vez, dar algumas noticias desta velha cidade...

Imaginem os presados colegas que até a lei do descanso semanal foi calçada pela ex-autoridade, que é como qu m diz pelo sr. dr. Alfredo de Sousa, para atender ao capricho e á demasiada ganancia de alguns negociantes!

Como agora, porém, felizmente, assumiu o cargo de administrador o sr. dr. Aires de Lemos, homem de carácter com quem os caixeiros se podem entender, e tanto que atendeu uma justa reclamação por nós ha tempo feita, officiano á Associação Commercial avisando a de que ia fazer cumprir a lei, isto é, obrigar os comerciantes a darem o descanso legal de 24 horas seguidas.

A Associação Commercial, por sua vez, avisou os comerciantes, e nada mais fez, cometendo até o acto grosseiro de nem responder ao officio de sua Ex.<sup>a</sup> o sr. Administrador, nem dar uma satisfação á nossa Associação.

Officiamo nós áquella colectividade protestando contra a sua falta de delicadeza e propondo-lhe que o descanso fosse, para favorecer o patronato, desde o meio dia de domingo e dias santificados em diante. Não respondeu ainda.

Foi a Direcção da nossa Associação falar com a Direcção da Associação Commercial, dando-nos esta toda a razão e prometendo, a despeito das muitas difficuldades que encontra no cumprimento da lei, que ia reunir para tratar o assunto.

Esperamos mais um mez e tudo continuou da mesma forma, encerrando-se os estabelecimentos das 14 horas em diante.

A Associação dos Empregados

de Comércio, vendo que era escarrecada e desattendida nas suas justissimas reclamações, preveniu o comércio em geral, por circular de 12 deste mez, de que, desde o dia 13 em diante seriam processados todos os commerciantes que conservassem encarcerados dentro do balcão, aos domingos, os seus empregados, isto desde o meio dia em diante...

Aguardamos o resultado. Era isto o que há muito deviamos ter feito. Colegas: deixemo nos de receios e condescendências. Sempre ávante e destemidamente! 15-9-914. João S. Rego

CARTA DE FAMILIÃO

Foi festivo para Familião o dia 13 do corrente. E' que a alegria e jovialidade dos nossos camaradas vimaranenses, veio despertar um delirante entusiasmo nesta pacata mas risueira vila.

Vieram abraçar-nos; vieram estreitar mais ainda a nossa camaradagem, pôr em foco a solidariedade da nossa classe, visitar os soldados que, pertencendo á mesma bandeira, estão unidos pela mesma aspiração, almejam o mesmo objectivo...

A's saudações de boas vindas, dadas no salão nobre da nossa Associação pelo colega Jaime Mesquita, ao qual, com palavra quente e burilada se seguiu o distincto presidente da Associação de Guimarães, e após troca de abraços, símbolo duma união cada vez mais necessária ao triunfo da nossa causa...

Quanto á nós, que nesse dia tivemos também o prazer de abraçar os colegas vizinhos, resta-nos apenas agradecer as provas de estima e cativantes atenções que nos rodearam.

Quantos a nós, que nesse dia tivemos também o prazer de abraçar os colegas vizinhos, resta-nos apenas agradecer as provas de estima e cativantes atenções que nos rodearam.

FEDERAÇÃO DOS CAIXEIROS PORTUGUEZES

Junta Executiva da Zona Norte

Sede — Rua Fernandes Tomás, 325

Esta Junta, no cumprimento do programa que traçou ao iniciar os seus trabalhos, pretende criar bibliotecas nas associações federadas que ainda não as possuem, e aumentar aquelas que, porventura, já existam.

Necessario se torna promover a maior cultura da classe, instruindo-a e educando-a, para que ela, conscia dos seus deveres sociais possa activamente reclamar os seus direitos. Que todos se lembrem de que á instrução e á educação setão, no dia de amanhã, os mais eficazes agentes de emancipação do caixeiro português.

(Continua)

AO VENTO,

(Murmúrios do Tâmega)

Morreu-me a amante dileta, Al! no mundo vivo errante; Foi pr'o seu com os anjos loiros A chorar pelo amante!

Era linda como um beijo De puros lábios nascido; Rouba-me Deus, pobrezinha, A minha sorte maldigo!

Pranteai meus olhos tristes, O meu sofrer d'amargura; A virgem que vos sorria, Foi viver p'ra sepultura.

Tâmega dos meus anelos, Adormecida o meu sofrer; Velho aos vinte e um anos, Quero triste é o meu viver!

Deixa-me chorar contigo, No teu leito tão amado; Os meus amores d'outrora, Findez sonhos do passado!

Geme manso, mui mansinho, Triste como a noite e o mar; Enquanto vais murmurando, Anda minh'alma a pensar!

Tão distante estás de mim, Tâmega dos meus amores; Assim não podes scutar, Os meus prantos, minhas dores...

Quem me derá no feu leito, Ali o meu corpo afogar; E que tu fossas dizendo: Morreu por muito amar!...

Calá o feu embate irroso, Deixa a brisa aciar; Qué me traz do teu lamento, Da minha amada, um chorar!

O' pombas brancas divinas, Que tendes azas d'arminho; Trazel-me do ceu longinquo Da minha amada, um carinho.

Vem ó morte não vaciles, Finde-se a lenta agonía; Traz a paz a minha alma, O sono da campa fria!

E' tão linda a minha aldeia, Lá nas serras escondida; De inverno brueca nevada, Na primavera florida!

Banhem-te as águas do Tâmega, O teu jardim em flor; Rosa de flores de neve Com que se adorna o Senhor...

4914. ROLANDO

Carta do Porto

Continuam as transgressões da lei do descanso semanal, aberta e descaradamente. Silenciam-se nestas proesas que tão bem lhes ficam ao rosto, os snrs. mercieiros. Homens que não vêm mais do que a gaveta, e sem a menor contemplação pelos direitos dos que trabalham em seu proveito, roubam a estes as mais que podem, das poucas horas que no fim de cada semana, uma lei lhes confere para descansar.

—Devido á grande conflagração que assola a Europa, ha já milhares de trabalhadores desempregados, que os industriais, alegando a falta de matérias primas e o enfraquecimento do negocio, atiram para a miséria. Pelo mesmo motivo os snrs. negociantes armazenistas, aproveitando-se da crise, aumentam escandalosamente os preços dos géneros de primeira necessidade.

A fome, negra como a morte, começa a invadir os laras pobres. A situação torna-se intoleravel para as classes trabalhadoras.

Em vista disto o povo, não vendo providências tomadas pelo governmententes a tornar menos afflictiva a sua situação, na sexta-feira ultima resolveu accionar directamente,

Porém esta tentativa foi contra-producente. Em vez de pão, o povo tem como recompensa pranchada e balas, que os policiaes e militares, essas feras ao serviço do capital, distribuíram tão barbaramente. O que é o fanatismo da força e do mundo! Esses homens, filhos do povo que vestem uma farda, não se lembrarão que também são victimas da exploração capitalista! Eles não pertencem á grande legião dos explorados? Pertencem. Mas o seu orgulho de autoridade fá-los esquecer a sua situação e, ás ordens dos seus superiores que se mancomunam com os exploradores, espancam ferinamente os seus irmãos quando mais energicamente pedem pão.

**JOSÉ LOPES DA CUNHA, SUCCESSOR**

22, PRAÇA DE D. AFONSO HENRIQUES, 23

(Antigo Campo do Toural)

**GUIMARÃES**

Nesta casa, a mais antiga drogaria de Guimarães, encontra-se sempre um completo sortido em drogas, tintas, oleos, vernizes, pinceis, mulduras, vidraça e muitos outros artigos pertencentes ao mesmo ramo.

Depositario da MURALINE, tintas inglezas a agua.

A MURALINE é a tinta mais pratica e economica até hoje conhecida e a mais sanitaria e apropriada para o interior dos predios.

PREÇOS SEM COMPETENCIA.



**CASA PENHORISTA VIMARANENSE**

FUNDADA EM 1880

Propriedade de PEIXOTO & ROCHA

LEGALMENTE HABILITADOS

Operações sobre valores de ouro, prata, platina, pedras preciosas e papeis de credito.

RUA DA REPUBLICA, 144—GUIMARAES

**ARMAZEM DE MERCEARIA**

OVIDIO VARELA DE ABREU ALMEIDA

14—RUA DE CAMÕES—18

GUIMARÃES

Completo sortido em generos alimenticios de primeira qualidade e preços sem competencia.

Chá, café, assucar, arroz, bacalhau, massas, bolachas, manteiga, queijo, etc., etc. Vinhos e azeites de 1.ª qualidade.

Deposito de enxofre e sulfato de cobre.

Caryão de coke, cada 15 kilos 230 réis.

**MERCEARIA E CONFEITARIA**

**PATRÍCIO**

PRAÇA DE D. AFONSO HENRIQUES

GUIMARÃES

Deposito do afamadissimo pão de ló de Margaride e dos vinhos genuinos da casa João Eduardo dos Santos Junior, do Porto.

Especialidade em artigos transmontanos e brasileiros. Completo sortido em bolachas nacionaes e estrangeiras. Azeite finissimo do Douro.

Vinhos tintos e brancos do Douro.



**QUEREIS VESTIR BEM?**

Visitai a Alfaiataria Progresso da Moda de Gaspar Lopes Ribeiro—R. da República

(Antiga Rua da Rainha)  
AONDE ESTEVE A CASA HIGH LIFE

Esta acreditadissima casa confeciona pelos ultimos figurinos toda a classe de obra para homens, senhoras e crianças, garantindo-se a elegancia do corte moderno e o seu perfeito acabamento.

PREÇOS SEM COMPETENCIA.

**JORQUIM DE S. BOVENTURA MENDES GUIMARÃES**

1, RUA DE S. DAMAZO, 3

GUIMARÃES

Nesta casa encontra-se sempre completo sortido em cabedaes nacionaes e estrangeiros.

Deposito de malas e exportação de calçado.

PREÇOS SEM COMPETENCIA.

**“O DESPERTAR,”**

Quinzenario defensor dos interesses dos Empregados de commercio e industria, litterario e noticioso.

PRAÇA D. AFONSO HENRIQUES, 27

GUIMARÃES

Preço da assinatura

Portugal e Africa—ano,	E 0,60 (600 réis)
Coloñias — — — — —	E 1,15 (11500)
Estrangeiro — — — — —	E 1,30 (13000)

A cobrança pelo correio aumenta 8 centavos (80 réis) a cada recibo. O preço dos anuncios é convencional.

“O DESPERTAR,”  
Quinzenario defensor dos interesses dos Empregados de commercio e industria, litterario e noticioso

Cidadãa

*Sociedade Persepolis*  
*mento*  
*Guimarães*